



GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Irã e EUA fecham acordo de paz

Documento para manutenção de cessar-fogo será formalizado em uma conferência marcada para a próxima sexta-feira, na Suíça, quando o Estreito de Ormuz será reaberto. "Navios do mundo, liguem seus motores", disse Trump

Os Estados Unidos e o Irã anunciaram, ontem, um acordo de paz que prevê a manutenção do cessar-fogo entre os dois países, a interrupção das operações militares em diferentes frentes do conflito e a abertura de uma nova fase de negociações diplomáticas voltadas para uma solução definitiva entre Washington e Teerã. O documento deverá ser formalizado em uma conferência marcada para a próxima sexta-feira, 19 de junho, na Suíça.

A data também marcará a reabertura do Estreito de Ormuz, uma das rotas marítimas mais estratégicas do mundo para o transporte de petróleo e gás natural. O anúncio foi feito pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que divulgou a informação em sua rede social, Truth Social, justamente no dia em que comemorava seu aniversário. "O acordo com a República Islâmica do Irã já está concluído. Parabéns a todos!", escreveu Trump.

Na mesma publicação, o presidente norte-americano anunciou medidas relacionadas à navegação na região do Golfo Pérsico. "Autorizo plenamente a abertura livre de pedágio do Estreito de Ormuz e,

simultaneamente, o levantamento imediato do bloqueio naval dos Estados Unidos. Navios do mundo, liguem seus motores. Que o petróleo flua!", declarou.

Do lado iraniano, a confirmação veio por meio do vice-ministro das Relações Exteriores, Kazem Gharibabadi. Em entrevista à televisão estatal, o diplomata afirmou que o acordo estabelece como prioridade o encerramento imediato dos confrontos. "Em primeiro lugar, o fim imediato e definitivo da guerra e das operações militares nas diferentes frentes, incluindo o Líbano", declarou.

Teerã informou ainda que as partes deverão iniciar, dentro de um prazo de até 60 dias, negociações destinadas à construção de um acordo definitivo. Apesar da celebração em torno do combinado, o governo iraniano manteve o discurso de que saiu fortalecido do conflito.

Gharibabadi afirmou que os objetivos dos adversários não foram alcançados e classificou o resultado da guerra como uma vitória. "O inimigo, que atacou para levar adiante seus projetos mal-intencionados, viu todos os seus objetivos limitados a nada, e a República Islâmica do Irã alcançou grandes vitórias nesta guerra", afirmou.

AFF



Octógono montado na Casa Branca: lutas de UFC na festa para o 80º aniversário de Donald Trump

Repercussão na Europa

O presidente da França, Emmanuel Macron, informou que o acordo estará entre os principais temas da cúpula do G7, que começa hoje

em território francês. Segundo ele, os líderes das maiores economias do mundo discutirão os impactos do entendimento entre Washington e Teerã, o futuro da segurança regional e os próximos passos para

um acordo mais abrangente.

"O objetivo será analisar as consequências desse acordo, o apoio ao Líbano, a reabertura do Estreito de Ormuz no longo prazo e, obviamente, a conclusão de

um acordo sobre o programa nuclear e balístico do Irã", afirmou Macron em vídeo divulgado nas redes sociais.

O avanço ocorreu após momentos de forte tensão que quase comprometeram as negociações. Antes do anúncio, ataques israelenses aos subúrbios do sul de Beirute, no Líbano, provocaram forte reação de Teerã e ameaçaram interromper o processo de diálogo entre iranianos e norte-americanos. A ofensiva militar irritou Donald Trump, que criticou publicamente a ação e afirmou que o bombardeio "nunca deveria ter acontecido".

O Ministério das Relações Exteriores do Irã classificou o ataque como uma "violação flagrante da soberania libanesa" e responsabilizou os Estados Unidos pelas ações de Israel, argumentando que Washington exerce influência direta sobre as decisões estratégicas do governo israelense. Teerã também ressaltou que mantém o direito de responder militarmente caso considere necessário.

Israel, por sua vez, afirmou que o alvo da operação era um centro de comando do Hezbollah, em Beirute, e informou que suas forças permanecem em estado de alerta para eventuais represálias.

» Entrevista | ABDOLLAH NEKOUNAM GHADIRLI, EMBAIXADOR DA REPÚBLICA ISLÂMICA DO IRÃ

“Nenhum pacto pode ser feito por pressão”

» RODRIGO CRAVEIRO

Abdollah Nekounam Ghadirli, embaixador da República Islâmica do Irã no Brasil, recebeu o **Correio** na representação diplomática para uma entrevista, na última quinta-feira. O representante de Teerã em Brasília defendeu o direito de seu país de enriquecer urânio e afirmou que qualquer acordo de paz com os Estados Unidos deve responsabilizar o governo de Donald Trump por "danos cruéis e militares" causados ao Irã. Ao ser questionado sobre quando distante Teerã e Washington estão de um pacto para pôr fim à guerra, ele respondeu: "A distância é extremamente curta e extremamente longa". Ghadirli, 61 anos, criticou declarações do presidente norte-americano, e ironizou: "Talvez ele não tenha sido um aluno tão bom de história". O diplomata ressaltou que, apesar de ser signatário do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP), os EUA são o único país que usou armas atômicas. O embaixador também garantiu que o Estreito de Ormuz segue aberto.

Trump disse, mais de 35 vezes, que o Irã estava próximo de alcançar um acordo de paz. O que o senhor tem a declarar sobre isso?

Essa é uma pergunta cuja resposta o mundo quer saber. Ele fala muito e, geralmente, as suas falas são contraditórias. No que diz respeito a nós, a República Islâmica do Irã, de forma contínua, expressamos e manifestamos o nosso interesse de manter o diálogo em um formato justo e com respeito mútuo. Os Estados Unidos, como vocês percebem, comentam, fazem alegações e falam muito. Nós

sabemos que eles, por meio da força militar e bélica, querem impor que o Irã aceite um acordo sob pressão. Essa parte literária da fala do presidente dos EUA mostra que, pelo menos, talvez ele não tenha sido um aluno tão bom de história. Ou seja, ele não tem informações adequadas sobre a história, sobre a civilização persa e sobre o comportamento histórico da população iraniana. Portanto, acredito que se ele (Trump) conhecesse mais um pouco, talvez, da história, da civilização e do comportamento da população iraniana, não usaria esse linguajar.

Quais os pontos do acordo em discussão que o Irã não aceita?

Nós temos direitos, conforme o estatuto internacional. Não podemos aceitar que outro país invada e ataque os nossos territórios, assassine nosso povo e nossas crianças. Com um ato de terrorismo, assassinaram o líder religioso e político do nosso país. Fizeram com que a nossa nação sofresse danos significativos à infraestrutura. Depois disso, (os EUA) pensam que podem entrar em um acordo sem assumir toda essa responsabilidade. Os EUA devem ser responsabilizados por todos esses danos cruéis e militares que causaram ao Irã. Também devem cobrir os danos que o Irã sofreu. Depois de assumirem essas responsabilidades, podemos conversar sobre as questões do nosso país e da região. O que está na agenda do Irã é encerrar a guerra imposta. Também o custeio dos danos financeiros. Assim que percebermos a boa fé nessa primeira fase, daremos continuidade para os próximos passos.

Carlos Vieira CB/DA Press.



Quão distantes o Irã e os Estados Unidos estão de um acordo definitivo?

A distância é que eles consigam ver a realidade: nenhum acordo pode ser feito por meio de pressão para que o aceitemos. Posso lhe responder dessa forma: a distância para um acordo é extremamente curta e extremamente longa.

Por várias vezes, os EUA disseram que controlarão o Estreito de Ormuz...

Se aceitarmos as falas e as alegações do presidente dos EUA, veremos que o Estreito de Ormuz está aberto. Por que estão lutando? Antes de 28 de fevereiro, quando o Irã sofreu os

primeiros ataques, o Estreito de Ormuz estava aberto. Por que eles começaram a nos atacar?

Os EUA alegam que o Irã não desenvolverá uma arma nuclear. O seu país descarta a busca por esse tipo de armamento? Teerã pensa em militarizar o programa de enriquecimento de urânio?

Segundo o artigo 4 do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP), os países-membros têm o direito de proliferar os seus poderes de enriquecimento de urânio. Nós enfatizamos, de forma firme, o nosso direito de enriquecimento. A outra questão é sobre o desvio do programa nuclear pacífico do Irã. Nenhuma das

15 resoluções apresentadas à Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) informa ou alega que o Irã desviou o seu caminho para outro tipo de programa nuclear, além do pacífico. O líder mártir da República Islâmica do Irã (Ali Khamenei) proibiu a produção de armas de massa cre ou atômicas. E colocou essa proibição como fatwa (decreto religioso). Também considerou a produção desses armamentos como haram (pecado). Temos que considerar que o líder mártir da República Islâmica do Irã, nos primeiros dias dessas agressões, estava em seu escritório e foi assassinado, em sua residência, ao lado de sua família. A neta, de 14 meses, Zahra, foi morta. Outra questão

é que os EUA fazem parte do TNP e, de forma histórica, são o único país que usou armamento atômico. Ao lado de outra entidade, o regime sionista, que não é membro do TNP e, de acordo com algumas informações, talvez oficiais, tem muitas ogivas nucleares. Essas duas entidades querem que o Irã abandone o direito de usar o poder pacífico do seu programa nuclear. No idioma farsi, temos uma frase em que se diz "Uma comédia amarga". Isso, na história, é uma comédia amarga.

De que maneira a ofensiva de Israel contra o Hezbollah pode ser um obstáculo à paz?

O Hezbollah é aliado do Irã. É um partido que faz parte do Parlamento e do Estado daquele país. É natural que eles (Hezbollah) façam ações para defender o seu país e seus princípios. É natural que cada povo possa se defender diante do agressor. É uma defesa legítima. Essa defesa legítima é conforme o artigo 51 da Carta da ONU.

Israel trata o Irã como uma ameaça existencial. Como o senhor analisa essa acusação?

A formação do regime sionista se dá por meio de ações erradas e não legítimas. Eles ocuparam os territórios palestinos. As pessoas tiveram que migrar de modo forçado. Elas saíram e levaram a chave de suas casas, com a esperança de que um dia possam voltar. As pessoas com consciência veem e presenciaram o que acontece na Faixa de Gaza: massacre e assassinato de mais de 70 mil pessoas — civis, mulheres e por volta de 20 mil crianças. Esse regime, os EUA e o Ocidente têm liberdade para cometer crueldade no Oriente Médio.